

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

FARAILDES SUELY GOMES DE ARAÚJO

**Escola regular e Escola integrada: tensões e possibilidades de trabalho em
uma Escola Municipal de Belo Horizonte**

Belo Horizonte

2015

FARAILDES SUELY GOMES DE ARAÚJO

**Escola regular e Escola integrada: tensões e possibilidades de trabalho em
uma Escola Municipal de Belo Horizonte**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Étnico Racial e Gênero, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Prof.^a Dr^a Shirley Aparecida de Miranda e

Prof.^a Dr^a Ana Amelia Laborne

Belo Horizonte

2015

FARAILDES SUELY GOMES DE ARAÚJO

**Escola regular e Escola integrada: tensões e possibilidades de trabalho em
uma Escola Municipal de Belo Horizonte**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e de Gênero, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador(a): Prof.^a Dr^a Shirley Aparecida de Miranda e Prof.^a Dr^a. Ana Amélia Laborne

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a. Ana Amélia Laborne

Prof.^a Michele Lopes da Silva Alves

AGRADECIMENTOS

Desejo manifestar minha profunda gratidão à minha irmã Sônia Lúcia, que com carinho e sinceridade me incentivou nos momentos difíceis, dedicando seu tempo e sua casa para o desenvolvimento do meu trabalho.

Agradeço, também, ao meu querido cunhado Almir, que com carinho, preparava todas as noites os lanches e o café para manter-me acordada.

Ao Ronaldo, que compreendeu os momentos de ausência, apoiando-me durante todo tempo.

Quero agradecer, ainda, as minhas orientadoras que com paciência e dedicação estiveram ao meu lado dando suporte para a conclusão deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a Deus que me permitiu a realização de mais este sonho.

RESUMO

A escola integrada é um programa da Secretaria de Educação de Belo Horizonte que amplia o tempo e as oportunidades de aprendizagem para crianças e adolescentes do ensino fundamental, em todas as escolas municipais. Este programa traz uma nova proposta de educação que inicia na sala de aula, mas vai além de suas paredes, para explorar e desenvolver o potencial educativo em torno da escola. Em 2010 fui convidada a fazer parte da equipe pedagógica da Regional Norte de Belo Horizonte para acompanhar o “Programa Escola Integrada”. Para o desenvolvimento deste programa foram contratados diversos profissionais, entre eles estagiários, agentes jovens e monitores da própria comunidade, que trabalham com oficinas de artes, músicas, danças, capoeira dentre outras. A partir da entrada destes novos profissionais na escola, inicia-se uma tensão nas relações interpessoais dos atores envolvidos no processo ensino aprendizagem. O objetivo deste estudo é tratar essas tensões no cotidiano escolar. Como acompanhante do Programa Escola Integrada, percebi as tensões que surgiam entre os professores da escola regular e os profissionais da escola integrada pela disputa de espaços dentro da instituição escolar. A partir, desta observação, busquei traçar um plano de ação que aprimorasse as relações entre os grupos envolvidos, oportunizando a troca de conhecimentos entre os professores e os monitores. Assim, diversas ações foram planejadas e executadas buscando melhorar as relações interpessoais e tornar o ambiente escolar um lugar pertencente a todos, trazendo mudanças e transformações na convivência dos sujeitos dentro da escola. Todo trabalho que auxilia na resolução de conflitos precisa ter início nos pequenos gestos, nas pequenas coisas que acontecem no dia a dia da escola. Nesse cenário é preciso haver uma mudança de paradigma diante das verdades absolutas, muitas vezes proveniente de tentativas equivocadas de resolver os conflitos na busca do certo e do errado.

Palavras-chaves: Escola Integrada, Tensões e Relações Interpessoais.

SUMMARY

The integrated school is a program of the secretariat of education of Belo Horizonte that extends the time and the chances of learning for children and adolescents of basic education, in all the municipal schools. This program brings new a proposal of education that it initiates in the classroom, but goes beyond its walls, to explore and to develop the educative potential around the school. In 2010 I was invited to be part of the pedagogical team of the Regional North of Belo Horizonte to follow the "Program Integrated School". For the development of this program diverse professionals had been contracted, between them young trainees, monitorial agents e of the proper community, who work with workshops of arts, musics, dances, capoeira amongst others. From the entrance of these new professionals in the school, a tension in the interpersonal relations of the involved actors in the process is initiated education learning. The objective of this study is to treat these tensions in the daily pertaining to school. As accompanying of the Program Integrated School, I perceived the tensions that inside appeared between the professors of the regular school and the professionals of the school integrated for the dispute of spaces of the school. To leave, of this comment, I searched to trace an action plan that improved the relations between the involved groups, opportunities the exchange of knowledge between the professors and the monitors. Thus, diverse actions had been planned and executed searching to improve the interpersonal relations and to become the pertaining to school environment a pertaining place all, bringing changes and transformations in the living together of the citizens inside of the school. All work that assists in the necessary conflict resolution to have beginning in the small gestures, in the small things that happen in the day the day of the school. In this scene she is necessary to ahead have a change of paradigm of the absolute truths, many times proceeding from maken a mistake attempts to decide the conflicts in the search of the certain e of the made a mistake one.

Word-keys: Integrated School, Interpersonal Tensions and Relations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
1.1 Justificativa	11
1.2 Objetivo	12
2. METODOLOGIA	13
3. PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA	14
3.1 – Os sujeitos das ações educativas no PEI	15
3.2 – Escolha da escola	16
3.2.1- A Escola Municipal Florestan Fernandes	17
3.3 - Os aspectos físicos da escola	18
3.4 - Aspectos Pedagógicos	18
4. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO.....	21
4.1- Entrevistas	24
4.2. Análise da realidade na escola.....	26
5. PERSPECTIVAS DO PLANO DE AÇÃO	28
6. CONCLUSÃO	29
7- BIBLIOGRAFIA	32
8 – APÊNDICE	33
9. ANEXOS	37

1 - INTRODUÇÃO

O Programa Escola Integrada (PEI) propõe a ampliação da jornada educativa das escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, ampliando o atendimento de alunos prioritariamente em situações de vulnerabilidade social. Seu escopo foi delineado tendo como base os princípios da educação integral, que enfatiza a necessidade de uma formação que não se limite apenas às dimensões cognitivas dos seres humanos, mas também que contemple as dimensões sociais e culturais. Isso significa dizer que o PEI é mais que uma proposta de elevação de tempo de escolarização. Ele é, acima de tudo, um programa que, por meio de ações que valorizem atividades artísticas e literária (música, dança, artes plásticas e cênicas, literatura, cinema, visitas aos museu, cidades históricas, o acesso a informática, dentre outros) buscam a ampliação da formação e de visão de mundo de seus estudantes.

Criado em 2006, o PEI surgiu no contexto da Escola Plural, programa político pedagógico implantado pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte em 1994. Na ocasião, o que pretendia implantar era uma educação que respeitasse, em primeiro lugar, os ciclos de formação humana que marcam o ensino fundamental. Até então, as propostas curriculares se concentravam nos chamados conteúdos programáticos, deixando de lado os sujeitos e suas necessidades básicas de aprendizagem. Assim, novos eixos norteados do trabalho escolar foram valorizados: a formação humana e sua totalidade, a escola como tempo de cultura, o desdobramento do ensino fundamental em (infância, pré adolescência e adolescência), as identidades de raças, gêneros e classe sociais dos educandos.

Neste sentido o PEI foi criado como uma necessidade de ampliação da jornada e das experiências educativas dos alunos. As ações do programa são propostas com o objetivo de valorizar o repertório cultural local., buscando ampliação das oportunidades dos estudantes. Eis o que diz a esse respeito alguns trechos do documento oficial da Secretaria de Educação que trata desta questão:

As oficinas visam atender às demandas do universo infantil e juvenil na perspectiva de desenvolvimento de competências múltiplas e vivências capazes de proporcionar uma aprendizagem significativa sintonizada com a

realidade de cada educando (COORDENAÇÃO ESCOLA INTEGRADA, 2008, p. 24).

Os estudantes do programa têm-se apropriado de outras dimensões formativas: identidade, sensibilidade, estética, memória, experimentação. Participam de atividades que, para além da ampliação de seu repertório cultural, trazem possibilidades de uma nova relação com os conhecimentos escolares. O Programa Escola Integrada institui novas formas de pertencimento comunitário. Ao promover a articulação família, escola e comunidade, revitaliza espaços de convivência e favorece relações dialógicas que reconhecem e reafirmam o potencial educativo da cidade. (COORDENAÇÃO ESCOLA INTEGRADA, 2008, p.25)

Além de se apropriar dos espaços escolares, o PEI ocupa diversos lugares no entorno da instituição e territórios da cidade, como praças, museus e parques. A ocupação desses lugares se apóia nos princípios da cidade educadora, isto é, que os espaços possuem uma dimensão formativa.

A educação de tempo integral ganhou força nos últimos anos no Brasil, destacando-se como um instrumento importante de enfrentamento das desigualdades sociais e educacionais. Nesse contexto a educação passa a ser instrumento central, a escola ganha novas atribuições e responsabilidades, assumindo papéis que antes eram de setores como a Assistência Social, Defesa Social, Saúde, entre outros. Com isso, programas e projetos sociais passaram a se proliferar no terreno escolar.

A proposta político pedagógica do Programa Escola Integrada foi fundamentada no projeto de escola que assentava no direito ao acesso e permanência à escola, cuja garantia era o antídoto ao fracasso escolar de crianças e jovens. Para tal, esse modelo propunha a criação de alternativas diversificadas de experiências e vivências, com o objetivo de articular o conhecimento escolar com os saberes de vida, o senso comum, as diferentes linguagens, dando um novo sentido ao currículo (SMED, 2007, p.6).

Nas proposições do Programa Escola Integrada há uma tentativa de romper com uma organização fragmentada de conhecimentos essenciais e não essenciais do currículo escolar. A proposta consiste em que a escola tomasse por base essas vivências e desenvolvesse sua proposta curricular articulando o saber escolarizado com o saber de vida, o saber de senso comum, o saber das diferentes linguagens que permitem ao ser humano expressar-se e interagir na coletividade, dando um novo sentido ao saber curricular e ao saber da ciência viva em geral (SMED, 2006, p. 3).

O programa ainda propõe que

Uma caminhada inovadora impõe posturas diferentes, que provoquem os atores do processo educativo escolar em prol do redimensionamento desta concepção de escola de tempo integral, passando a pensar em escola integrada. Ou seja, educação como direito e não como estratégia de Sobrevivência. (SMED, 2007, p. 10)

Esses direcionamentos são fundamentais para refletir sobre a relação dos sujeitos da ação educativa no Programa Escola Integrada, com o currículo e com a formação dos profissionais.

Minha trajetória no PEI iniciou-se em 2004, quando começaram as primeiras discussões sobre a escola integrada, nesta ocasião eu trabalhava como supervisora de merenda na Secretária Municipal de Abastecimento de Belo Horizonte. Fiz parte do grupo de discussão da implantação do programa na escola piloto. A implantação do PEI na regional se deu no ano de 2006 na E. M. Professor Daniel Alvarenga. Como responsável pela alimentação desta escola fui fazendo as mudanças necessárias para a adequação do programa. Em 2010 fui convidada a fazer parte da equipe pedagógica da regional norte de Belo Horizonte para acompanhar o “Programa Escola Integrada”. Nesta ocasião trabalhei como acompanhante pedagógica, em treze escolas que já haviam iniciado o Programa da Escola Integrada. Este programa estava em fase de estruturação nessas escolas, minha função era acompanhar, orientar, encaminhar, promover formações e realizar a interlocução entre o programa e os demais setores da PBH e a iniciativa privada. Inicia-se um trabalho de fortalecimento do programa nas treze escolas onde o PEI já estava consolidado, e foi estendido para mais sete escolas da regional norte. Durante a implantação do programa nas novas escolas, observava as diversas dificuldades que surgiam para o funcionamento do PEI. A disputa do espaço para o desenvolvimento das atividades do programa e da escola regular era motivo de conflito entre os profissionais, por exemplo, o uso da quadra de esportes, do laboratório de informática, da biblioteca, do auditório e até mesmo o uso da sala dos professores. Outro dificultador era conseguir um espaço no entorno da escola para o desenvolvimento do PEI. Um grande desafio para o programa era contratar monitores e bolsistas com habilidades para trabalhar no programa. Outra polêmica entre a escola regular e o PEI era as refeições diferenciadas, que eram feitas no

mesmo espaço, ou seja, na cantina da escola, e pelas mesmas cantineiras, que tinham que servir a merenda da escola regular e as três refeições do PEI, tornando exaustivo o trabalho. Para resolver esse impasse, a Secretaria de Abastecimento, decidiu que fossem feitas as mesmas refeições para todos os alunos, ou seja, eram oferecidas as mesmas refeições para os alunos da escola regular e para os alunos da Escola Integrada.

1.1 – Justificativa

Muito se discute sobre educação nos dias atuais, porém, já se entende que não há uma única forma nem um único modelo de educação. Educação é o aprendizado para a vida, e se dá em todos os lugares e de várias formas de acordo com o contexto ou a necessidade de um determinado grupo.

Segundo Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (BRANDÃO, 1992, p.7)

Neste estudo de relações interpessoais, observei que a convivência de múltiplos profissionais no mesmo espaço provocava tensões e desconforto, principalmente, quando há diferentes formações, regimes trabalhistas distintos e várias funções exercidas pelos diversos profissionais envolvidos no processo educacional. Com a implantação do programas nas escolas, além dos professores concursados que atuam no ensino regular, passam a fazer parte deste processo os monitores culturais, os bolsistas e os jovens aprendizes. Surge, então, o impasse entre os profissionais, a maioria dos professores não reconhecem o trabalho educativo desenvolvido pelos monitores, e os monitores se consideram responsáveis pelo desenvolvimento da criança na área socio-cultural , criando um antagonismo entre eles. Impulsionada por essas observações decidir realizar um projeto de ação no intuito de fortalecer a gestão pedagógica do programa, contribuindo para melhoria da aprendizagem e ampliação das oportunidades de vivência e aprendizagem dos estudantes, construindo mecanismo para tornar a

escola um espaço importante para o processo ensino-aprendizagem e promover a formação continuada desses profissionais.

1.2 - Objetivo

O objetivo principal desse plano de ação era potencializar a formação dos professores e monitores envolvidos no processo educacional desta escola, por meio da reflexão e experiências de boas práticas de convivência e interação pedagógica.

Este plano de ação teve também como foco contribuir para fortalecer o trabalho coletivo da escola, explicitar os valores da escola integrada, organizar seus saberes para concretizar uma gestão democrática na escola, possibilitar a troca de experiências favorecendo vivências ricas e diversas

2 - METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste plano de ação, busquei usar uma metodologia que envolvessem os professores, monitores, bolsistas, coordenadores pedagógicos e gestores da escola em uma reflexão para alcançar o objetivo proposto: reunir e socializar o grupo de profissionais através de práticas realizadas dentro da escola e em outros espaços utilizados pelo o PEI (museus, grutas, parques e outros espaços) e os fizessem refletir sobre os desafios presentes no cotidiano escolar buscando alternativas para uma melhor relação entre os atores envolvidos.

O Plano de Ação começou a ser desenvolvido no primeiro semestre de 2014, intensificando as ações no segundo semestre de 2014. No mês de julho de 2014 foi realizada pela Secretaria Municipal de Educação uma Formação com os monitores da rede municipal de BH, iniciando assim uma capacitação dos monitores e valorizando o trabalho realizado por eles no PEI. O plano de ação visava que as formações continuassem dentro da própria escola, envolvendo os professores da escola regular e os profissionais do Programa Escola Integrada. Assim, os profissionais tiveram a oportunidade de apreciar e valorizar o trabalho uns dos outros, diminuindo o distanciamento entre eles.

Com esse intuito o plano de ação foi organizado com base na observação do cotidiano e nas falas dos atores envolvidos. À medida que as formações, as rodas de conversas e as trocas de experiências oferecidas pela escola eram intensificadas, percebia-se uma aproximação do grupo dos profissionais, antes tão distantes, como por exemplo, planejamentos conjuntos de atividades pedagógicas e culturais para mostra cultural ocorrida em outubro/2014 na escola..

Na oportunidade foram apresentados trabalhos artísticos de dança, teatro, música, trabalhos manuais desenvolvidos a partir das oficinas do PEI.

3 – PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA

O Programa Escola Integrada criado pela prefeitura de Belo Horizonte, deve ser entendido como a implementação da LDBEN 9394/96, em seu artigo 34, § 2º, que preconiza a progressiva implantação do ensino integral, a critério dos sistemas de ensino, para os alunos do ensino fundamental.

O Programa Escola Inteira, é uma política de continuidade que amplia as condições para que crianças e adolescentes matriculados em escolas da Rede Municipal de Educação desenvolvam seu potencial, ampliando as possibilidades de desenvolvimento de competências individuais, sociais, produtivas e cognitivas. Neste sentido pressupõe não somente o redimensionamento da proposta curricular da escola, mas a ampliação e reorganização de tempos e espaços, bem como o envolvimento da comunidade escolar, instituições e de entidades parceiras.

No município de Belo Horizonte, a ampliação deste tempo vem se concretizando através do Programa Escola Integrada, com a organização e oferta de oficinas e aulas-passeio, de forma a garantir aos estudantes atividades nas diversas áreas do conhecimento e em diferentes territórios. As atividades são desenvolvidas por profissionais das mais diversas especialidades e sob planejamento e a coordenação da Secretaria Municipal de Educação e monitorado por docentes/gestores nas gerencias de educação regional.

O programa iniciou-se no segundo semestre de 2006, como programa piloto em sete escolas municipais. O desenvolvimento desse programa piloto permitiu a avaliação das diferentes facetas da relação escola, instituição de ensino superior, instituições públicas e privadas das mais diversas áreas e atuações, e, a comunidade local, além dos custos para o seu funcionamento e a estimativa de pessoal necessário, dentre outros aspectos.

No decorrer do primeiro semestre de 2007, após avaliação do programa piloto, o Programa Escola Integrada foi gradativamente ampliando o atendimento aos estudantes. Hoje, na regional norte, vinte escolas municipais participam do programa, garantindo a ampliação da jornada escolar de quatro horas e meia para nove horas diárias, contribuindo para melhoria da qualidade da educação, conforme pesquisa realizadas pela Fundação Itau Social (2008).

No que se refere à leitura de livros, as proporções de crianças que liam no ano anterior eram idênticas entre os grupos, e, novamente, o aumento verificado no ano foi maior para o grupo de tratamento. Neste sentido, as crianças que participam do Programa Escola Integrada passam a apresentar os maiores níveis de leitura em 2007, e estes diferenciais são significativos (p.10)

O programa é oferecido a todas as famílias atendidas pelas escolas municipais. No entanto, para participar é preciso que as famílias façam adesão ao programa.

O acompanhamento pedagógico do Programa Escola Integrada recomenda o monitoramento sistemático de todos os processos inerentes à garantia de seu funcionamento. Implica no desenvolvimento de ações de co-liderança, compartilhando responsabilidades e espaços de ação, para a promoção da gestão compartilhada – ESCOLA - REGIONAL – SMED -, equilibrando os processos administrativos e pedagógicos.

É importante que os acompanhantes do Programa Escola Integrada promovam o movimento de aproximar, conhecer, analisar a realidade da escola, retomar e devolver propostas que possam dialogar com as várias dimensões dos seus sujeitos e das relações escolares.

3.1 – Os sujeitos das ações educativas no PEI

Com a implantação do programa, surge a figura do professor comunitário, que atua como coordenador do programa em cada escola da rede municipal, este responde pela articulação entre escola/comunidade e escola/universidade, além de organizar e avaliar o programa na instituição. Já as atividades são ministradas pelos bolsistas, que são graduandos de universidades parceiras, fazendo, assim, a interlocução entre o conhecimento acadêmico e a prática. Conta ainda com agentes culturais (artistas, artesãos, mestres de capoeira, grafiteiros, dentre outros) recrutados na própria comunidade para realização das atividades. Os bolsistas e agentes culturais assumem integralmente as oficinas propostas, atendendo em média vinte e cinco alunos por oficina. Além disso, os acompanham nos deslocamentos entre a escola e demais espaços educativos, durante os períodos de chegada e saída e intervalo do almoço.

3.2 – Escolha da escola

O Programa Escola Integrada é desenvolvido em vinte escolas da regional norte/BH, nas quais sou referência pedagógica regional/escola do Programa. Todas as escolas apresentam dificuldades semelhantes nas questões dos relacionamentos interpessoais. Surgiu, então, a necessidade de escolher uma escola para desenvolver o plano de ação. Para, isso, levei em consideração algumas questões: a continuidade da direção em 2015, a relação do diretor com o professor coordenador e do professor coordenador com os demais profissionais da escola e a identificação do professor com a comunidade escolar. Selecionei cinco escolas das vinte com as quais trabalho. Das cinco escolas avaliei qual seria possível dar continuidade ao trabalho no decorrer do curso e implantar o plano de ação proposto.

Decidi, então, pela Escola Municipal Florestan Fernandes. Os motivos pelos quais optei por essa escola foram: a escola já demonstrava interesse em atividades de formação que contemplasse a participação de todos os profissionais que ali trabalhavam; a vice-diretora da escola já esteve na coordenação do programa por três anos, e pretende permanecer na direção por mais um mandato, Além disso, a direção da escola tem um bom relacionamento com a atual professora coordenadora do programa, tem facilidade em dialogar e é flexível a novas propostas. A coordenadora da escola regular se mostrou aberta a contribuir com o trabalho, e a professora coordenadora do programa faz o curso de especialização em “Diversidade, educação relações étnico racial e de gênero” (LASEB) em minha turma, facilitando, assim, o trabalho.

O desenvolvimento do plano de ação perpassa por toda a escola, mas, para que o trabalho fosse mais eficaz, resolvi trabalhar com o turno da tarde, tendo em vista que, encontrei maior abertura junto a coordenadora e o grupo de professores desse turno. No turno da tarde a escola regular trabalha com o 2º e 3º ciclo, com alunos de 11 a 14 anos, e a escola integrada trabalha com os alunos do 1º ciclo e início do 2º ciclo, alunos de 6 a 10 anos.

3.2.1- A Escola Municipal Florestan Fernandes

A E.M. Florestan Fernandes está localizada na região norte de Belo Horizonte e foi criada em 1997, fruto do OP de 1996, na gestão do então prefeito Patrus Ananias, com forte participação das lideranças do bairro vizinho (Jardim Felicidade). Funcionou no primeiro ano de sua fundação, nas dependências da E. E. Francisco Campos.

Em fevereiro de 1998 a escola passou a funcionar nas salas alugadas da igreja católica Cristo Redentor. O espaço da igreja foi dividido em salas de aulas, refeitório, sala de direção e uma pequena biblioteca com livros conseguidos através de doações. Duas auxiliares de biblioteca foram enviadas e organizaram o acervo, além de desenvolver atividades como: contação de história, teatro, orientação a pesquisa escolar, empréstimos domiciliar e projetos temáticos.

Ao final da obra em 23 de maio de 2000, a escola foi inaugurada, e a pedido do prefeito da época, e em concordância com as lideranças comunitárias, manteve-se o nome Florestan Fernandes como patrono. A EMFF já pautava seu trabalho na lógica da Escola Plural.

A Escola Plural, trazia uma nova concepção de educação, na qual os conhecimentos passaram a ser construídos em estreita relação com os contextos em que são utilizados, associados aos aspectos cognitivos, emocionais e sociais neles presentes. A Escola Plural propunha o rompimento com a concepção tradicional de ensino e aprendizagem, repensando e ressignificando os currículos escolares.

A Escola Plural foi um programa de governo que trazia uma proposta nova para a educação, esse programa iniciou-se em 1995 na rede municipal de educação do município de Belo Horizonte e foi implantado gradativamente entre o período de 1995 a 1997. O Programa Escola Plural baseava-se em dois princípios fundamentais: o direito à educação e a construção de escola inclusiva. Os eixos norteadores deste programa eram: a construção de uma escola que considera a formação humana na sua totalidade; a escola como um tempo de vivência cultural;

como espaço de produção coletiva; capaz de redefinir os aspectos materiais tornando-os formadores capaz de assegurar a vivência de cada idade de formação sem interrupção; capaz de criar um ambiente de socialização adequada a cada idade, a escola com uma nova identidade.

3.3 - Os aspectos físicos da escola

A E. M. Florestan Fernandes foi criada para funcionar, desde o início, de acordo com o programa Escola Plural, garantido assim uma escola pública democrática e de qualidade. Situada na rua Pau Ferro 360 bairro Solimões, região norte, foi a primeira escola construída para atender o modelo de escola implantado na época. O espaço físico externo é amplo dando opções de várias atividades fora das salas de aula. A construção foi feita em 4 blocos. Possui 16 salas, divididas em dois andares que estão no bloco mais ao fundo do terreno, em um outro bloco ficam: 1 laboratório de informática, 1 laboratório de artes, no piso superior e no primeiro piso ficam a cozinha, refeitório e banheiro de funcionários, a sala multimídia, a sala para atendimento a alunos com necessidades especiais, e a biblioteca ficam no segundo piso no bloco em frente ao refeitório, nele estão também no primeiro piso a secretaria, direção, sala de professores com banheiros para os mesmos, almoxarifado e mecanografia. Ao lado das salas de aula foi construído um pátio coberto com demarcação de quadra de futsal. Pensando na acessibilidade foram construídas rampas que dão acesso do pátio até as salas de aula, além da biblioteca e outras dependências do segundo piso. A quadra de esporte com ótima estrutura e espaço foi construída próximo ao portão de saída. Abaixo da quadra existe um espaço sem construção que atualmente é usado como estacionamento.

3.4 - Aspectos Pedagógicos

Foi realizado um concurso para escolher o nome da biblioteca, que nesse período era uma das mais bonitas da região. Foi eleito o nome: Biblioteca do “Século XXI”. O acervo foi crescendo significativamente e a biblioteca entrou para o Programa “Internet Cidadã”, recebendo vários computadores ligados a internet com dois estagiários para orientarem a população que podia fazer consultas, inscrições em concursos, retirada de segunda vida de contas.

De 2003 a 2007 a escola passou por um período conturbado, com várias eleições para diretor. Em 2007 assume como interventora da escola, a ex-coordenadora do Núcleo de Relações Étnico Raciais da SMED. Em 2011, ao término do processo de intervenção, haviam conseguido recuperar a autoestima e vocação da escola, avançando principalmente na implementação das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Raciais, amparada nas leis 10639/2003 e 11645/2008. Em 2010 a escola recebeu o Selo de Educação Para a Igualdade Racial, concebido pela Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial da Presidência da República e Ministério da Educação. Em 2011 a escola recebeu o prêmio do CEERT, por experiência exitosa em educação para Relações Raciais.

Neste período a biblioteca realizou vários projetos em parceria com os professores visando desenvolver a escrita, a leitura e intensificar a discussão sobre a questão étnico racial. Foi criado um grupo de teatro que montou e adaptou peças apresentando em festivais e encontros estudantis. A auxiliar de biblioteca coordenava e dava noções básicas para a encenação e orientava na escolha dos livros ligados ao tema da peça. O grupo lia os livros discutia os temas e criava ou escolhia as peças para encenação. O grupo não era fixo pois sofria algumas modificações quando alunos mudavam de escola. O grupo “Las Meninas” foi o último coordenado pela bibliotecária. Esse grupo encenou a peça “ O Pote Vazio” no encontro Estudantil de Artes Cênicas em Patos de Minas em junho de 2010 e a peça “Sopa de Orelhas” foi encenada em junho de 2011 no Centro Cultural da UFMG.

A escola atendia cerca de 1000 alunos até 2012, sendo que mais ou menos 50% não eram do território de abrangência da escola, pois, muitos são moradores de outros bairros. Com a inauguração da Escola Municipal Sergio Miranda no bairro Tupi Mirante em 2013, muitos alunos foram transferidos. Atualmente a escola atende em torno de 500 alunos do 1º ao 9º ano, divididos em dois turnos. Do 1º ao 5º ano são atendidos no turno da manhã e do 6º ao 9º ano no turno da tarde. Dos alunos matriculados cerca de 280 estão no Programa Escola Integrada que oferece opções diversas de oficinas com agentes culturais no contra turno numa perspectiva de Educação Integral.

Na Escola Florestan Fernandes a maioria dos alunos apresentam traços físicos que os caracterizam como negros/ afro descendentes, no entanto, se afirmar

como negro é uma dificuldade que se manifesta com todas as turmas. Só se afirmam negros aqueles nos quais a cor da pele apresentam um tom retinto. Os profissionais que trabalham na Escola Integrada, em sua maioria, também apresentam traços físicos que os caracterizam como negros/ afro descendentes.

Desde 2008 a Escola vem desenvolvendo atividades que promovem uma educação voltada para as Relações Étnico Raciais, com o objetivo de combater as manifestações de racismo, preconceito e discriminação no seu interior.

4 – DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO

A educação na escola pública vem mudando ao passar dos anos e incorporando responsabilidades que não eram vistas como tipicamente escolares, mas que hoje não podem ser desconsideradas para viabilidade do trabalho pedagógico. Os docentes vêem emergir no terreno escolar, novos sujeitos e uma nova divisão técnica do trabalho, tornando-se necessária a adaptação de um novo modelo de educação. Segundo Pedroza (2012) “A gestão democrática parte da ideia de uma escola para Todos onde realmente sejam possíveis o acesso e a permanência do aluno, assim como a garantia da qualidade na educação.” (Pedroza.2012 – p.77)

A dinâmica do processo ensino/aprendizagem é marcada por diversas variáveis pedagógicas que devem ser consideradas a fim de garantir à qualidade dos processos educacionais: a democratização do currículo escolar, a ampliação dos tempos e espaços de aprendizagem, além das necessidades de diversificar as metodologias de trabalho, o desenvolvimento de ações intersetoriais e efetiva inclusão escolar. Ainda citando Pedroza (2012)

Para tal, é preciso a elaboração de um projeto político-pedagógico que vise à superação das contradições existentes em nossa sociedade e que promova o desenvolvimento de uma nova consciência social e de novas relações entre os homens, numa perspectiva mais humanista. (Pedroza. 2012, p.77)

O Projeto Escola Integrada já estava implantado dentro da escola, porém, agora era preciso vencer as dificuldades que surgiam no cotidiano escolar. As tensões constantes entre os profissionais da educação era visível, as diferenças sociais e culturais desses profissionais eram barreiras levantadas para o afastamento dos grupos (professores/monitores), havia divergências de idéias, discordância na atuação entre os grupos, entre outros conflitos.

Dentre todos os profissionais que atuavam dentro da escola busquei focar-me nos grupos de professores da escolar regular, dos coordenadores pedagógicos, dos monitores do PEI, dos bolsistas e dos acompanhantes regionais. Foram realizadas diversas formações que permitiram que os atores da educação

desenvolvessem juntos projetos que foram trabalhados com os alunos, cada um em sua área de atuação. A partir desta demanda defini a especificidades das ações: rodas de conversas, trocas de experiências que aconteceram nos encontros organizados pelos gestores e coordenadores pedagógicos. Através das formações que foram desenvolvidas com os monitores e bolsistas sobre as questões étnico-raciais, relações de gêneros na educação e cultura de paz na escola, busquei identificar entre eles quais traziam mais questionamentos. Incitei uma discussão mais acalorada entre os participantes. Os monitores afirmavam que os professores deveriam ter participado desta formação já que estes temas eram trabalhados nas oficinas do PEI, e na visão dos monitores, esses temas eram desconhecidos pelos professores do ensino regular. Então, resolvi conversar com o grupo de professores sobre os temas trabalhados na formação dos monitores, buscando conhecer o posicionamento desses profissionais a respeito do assunto, e sobre como eles desenvolviam estes temas com seus alunos. Queria saber se eles realmente tinham consciência e/ou conhecimento dos temas discutidos na formação com os monitores.

Os professores do ensino regular ficaram surpresos quando souberam que os monitores da escola integrada discutiam em suas formações os mesmos assuntos que eram discutidos nas formações dos professores promovidas pela escola. Percebi que os dois grupos de profissionais trabalhavam os mesmos temas, porém, sem ter consciência do trabalho um do outro. Cada grupo trabalhava com visão e focos diferentes, segundo a visão e a realidade de cada grupo, o trabalho era realizado, com os mesmos alunos, porém, de forma isolada. Identifiquei, assim, um motivo de tensão entre aqueles profissionais, que por falta de integração e diálogo no desenvolvimento do trabalho realizado pelos grupos, criou-se um desconforto no ambiente escolar.

A partir da escuta dos monitores e dos professores, percebi que a convivência de pessoas com diferentes identidades, construídas a partir de culturas diferenciadas, pode gerar relações de poder e de conflito. Sabe-se que a cultura de um povo é um dos fatores principais para a construção da identidade, pois tem uma relação direta entre os indivíduos e o meio. Nesse contexto faz-se necessário compreender o significado da construção da identidade dos monitores e do

reconhecimento de seu trabalho pelos professores e vice versa. Com esse intuito comecei a elaboração do plano de ação que consistia em reestruturar e fortalecer a proposta pedagógica do Programa Escola Integrada (PEI) junto à escola regular; reinventar o tempo e a organização escolar; promover e estabelecer diálogo entre monitores e professores, estabelecer reuniões, formações e palestras; desenvolver ações que envolvam todos os profissionais da escola; articular junto à direção e o corpo pedagógico da escola reuniões que contemple os interesses de todos os atores envolvidos no processo educacional; criar uma equipe de interlocução composta de professor, monitor e coordenadores pedagógicos para pensar ações conjuntas; incentivar a gestão de pessoas no cotidiano escolar; organizar o trabalho coletivo através do desenvolvimento de ações para o bom clima escolar; valorizar as potencialidades dos sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizagem, semanalmente fazer avaliações, promovendo encontros entre os universitários e monitores, com os professores, coordenadores pedagógicos e, em alguns casos, com a direção. O objetivo desses encontros é para acompanhar de forma processual e constante as atividades e a qualidade das atividades propostas, analisando o que foi bom e o que precisa melhorar.

No início do mês de agosto organizei um encontro com as diretoras, com a coordenadora pedagógica do regular, com a coordenadora de PEI e com a acompanhante regional do ensino regular, para apresentar o plano de ação que pretendia desenvolver na escola. Assim, elaboramos uma estratégia para aproximação do grupo de professores e monitores.

Ficou combinado que começaríamos por uma aproximação entre o grupo dos professores da escola regular e o grupo dos monitores do PEI, através de reuniões conjuntas para esclarecimentos do funcionamento e objetivos do Programa Escola Integrada, formações para equipe educacional da escola e legitimar o trabalho dos monitores e dos bolsistas como educadores no processo ensino/aprendizagem. Para aproximar os monitores, os bolsistas e os professores do ensino regular criou-se um momento de planejamento conjunto, onde os monitores, os bolsistas e professores dividissem o mesmo espaço. Durante o horário de planejamento dos monitores, estes passariam a fazê-lo na biblioteca da escola ou na sala dos professores criando assim um espaço de convivência entre os grupos, oportunizando o conhecimento profissional e interpessoal.

4.1- ENTREVISTAS

Para compreender os anseios dos professores e dos monitores, usei a metodologia da entrevista. Entrevistei três monitores da escola (uma monitora e dois monitores) e uma professora. A monitora já trabalhava no programa há seis anos e na escola há quatro anos. Ela relatou que durante o período que trabalhava em outra escola não tinha nenhuma convivência com os professores da escola regular. A realidade que ela vivencia nesta escola atual, não é muito diferente da anterior, pois, mesmo tendo contato em algumas ocasiões com os professores da escola regular, o trabalho da Escola Integrada acontece totalmente desvinculado da escola regular. Mesmo sendo essa monitora uma estudante do último período do curso superior de matemática, ela não se identifica como professora. Perguntada sobre o que se poderia fazer para uma maior interação entre esses profissionais, a monitora externou o desejo em participar de reuniões com os professores da escola regular para elaborarem juntos às aulas. “Seria muito bom ser convidada para participar das reuniões pedagógicas com os professores da escola regular, assim, poderia contribuir com as dificuldades dos alunos que atendo nas oficinas”. Na entrevista com o monitor, ele relatou que foi aluno desta escola em 1997 no ano em que a escola iniciou suas atividades. Ele conta que estudava em outra escola que ele gostava muito, então ele foi transferido para esta escola, ele ficou muito revoltado e se tornou um “aluno problema”. A direção para ajudar a melhorar seu comportamento, deu-lhe a oportunidade como voluntário nos ônibus escolares que transportavam os alunos, dando suporte no embarque e desembarque. No Ensino Médio, ele fez seu estágio na própria escola, e ao término do estágio ele foi contratado como funcionário da escola. Graduou-se como turismólogo. Com a mudança da direção da escola ele pede demissão e abre uma empresa de eventos. Dois anos depois, em 2006, ele voltou à escola como coordenador da “Escola Aberta” e ajudou na implantação da Escola Integrada na escola, e foi contratado como monitor. Hoje ele trabalha com oficina de fotografia no PEI. Por ter uma longa trajetória na escola, o monitor, se relaciona bem com todos os professores da escola regular, com isso, consegue uma interação maior com os professores, porém, ele

também sente o desejo de trabalhar junto com a equipe pedagógica da escola no sentido de elaborem as aulas em conjunto (professor/ monitor), “Não quero ser chamado para tirar fotos nas festas da escola ou quando a escola precisa. Gostaria de fazer parte do planejamento das festas...” O terceiro monitor que entrevistei é um instrutor de capoeira e trabalha há seis anos na escola. Ele estudou até o Ensino Médio e dedicou-se ao conhecimento cultural da arte da capoeira. Perguntei se ele pensava em retomar os estudos, buscando aprimorar sua profissão, ele respondeu que não tem interesse em voltar a estudar, pois se sente realizado com sua arte, e que como é líder comunitário, deseja ingressar na política. A professora entrevistada, disse que achava o programa muito bom, porque o aluno estando em tempo integral na escola tinha mais oportunidades de ampliar seus conhecimentos cognitivos e culturais, porém, no que se refere aos monitores ela acredita, que deveriam ser servidores concursados e que tivessem formação acadêmica nas áreas ministradas, dando qualificação e equiparação ao trabalho desenvolvido.

Baseado nas colocações de cada segmento ficava claro o sentimento de hierarquia entre eles, ficava notório a estigmatização de um grupo sobre o outro.

De acordo com Norbert Elias “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posição de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído”(ELIAS. 2000,P.23)

Desde 2008, a escola vem realizando formações sobre o tema “Africanidades”, e nestas formações só participavam os professores do ensino regular. A partir da discussão sobre a aproximação da escola regular com o PEI, notou-se uma mudança na visão pedagógica, entendendo que todos os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem precisavam de igual formação, sendo assim, no mês de setembro/2014 continuaram na escola as formações sobre o tema citado, ressaltando aspectos diversos como: o Cabelo, a cor da pele, dança, músicas, poesia, religião, alimentação e outros costumes da cultura afro-brasileira , com a participação de monitores e professores. Contou-se com a participação de vários palestrantes convidados pela direção e coordenação da escola, entre eles a professora Benilda Brito, que palestrou sobre “A identidade africana”, a professora Cida Reis que discursou sobre “o reconhecimento da terra dos quilombola e sua importância”, o professor Ibrayma que falou sobre “A casa afro e a desmistificação

da África” e a professora Valéria com o tema “O significado do cabelo para o africano”.

No segundo semestre de 2014, como resultado das formações conjuntas, foram desenvolvidos trabalhos para uma amostra cultural afro-brasileira na escola, houve várias apresentações teatrais, danças, fotografia e trabalhos artísticos. Os professores e os monitores formaram uma parceria, enquanto os professores trabalhavam o tema dentro de sala, os monitores ficavam com a parte prática, ensinando e criando junto com os alunos as roupas, mandalas, danças e outros trabalhos artísticos. A amostra cultural foi um sucesso, a motivação dos monitores demonstrava o sentimento de valorização e reconhecimento profissional.

4.2. Análise da realidade na escola

A escola no desempenho de sua função social de formadora de sujeitos sócio-históricos, constitui um espaço de sociabilidade e de socialização do conhecimento produzido, indispensável na formação e inserção dos indivíduos nas relações sociais. A construção de uma escola em que a participação seja uma realidade depende, portanto, da ação de todos: dirigentes escolares, professores, estudantes, funcionários, pais, e comunidade local. Nesse processo, a articulação entre os diversos segmentos que compõem a escola e a criação de espaços e mecanismos de participação são fundamentais para o exercício do aprendizado democrático que possibilite a formação de indivíduos críticos, criativos e participativos. (Conselho Escolar, gestão democrática da educação e escolha do diretor – p.33)

No final do ano de 2014, houve as eleições para diretores e vice-diretores das escolas municipais de Belo Horizonte. Durante o processo eleitoral nesta escola, a direção foi disputada por duas chapas, a direção que estava em vigência e outra chapa. Esse processo eleitoral, apesar de democrático, criou atrito nos relacionamentos interpessoais dificultando o desenvolvimento de novas ações pedagógicas. Após as eleições entrou-se em um processo de reorganização do quadro pedagógico, com a seleção da coordenação do PEI e dos coordenadores pedagógicos do ensino regular. Todo esse processo tornou explícita a tensão entre os profissionais da escola, haja vista que, com o clima acalorado de disputa eleitoral

alterou-se os ânimos entres todos envolvidos neste processo democrático. O período eleitoral na escola foi marcado com a divisão dos profissionais em dois grupos divergentes, cada grupo defendendo a proposta na qual acreditavam ser a melhor. Em relação à escola integrada, os monitores ficaram divididos em suas opiniões. Durante o processo de escolha do diretor ficou claro que todos os atores envolvidos no processo educacional desta escola tinham ciência da divisão dos grupos, pois os monitores mesmo sendo educadores na escola, não podiam votar e escolher a proposta que lhes interessassem.

5 - PERSPECTIVAS DO PLANO DE AÇÃO

No Brasil a educação integral tem sido tema nas discussões políticas há várias décadas e esteve presente nas propostas das diferentes correntes políticas, já nos anos 50 e 60 do século XX, Anísio Teixeira, um grande educador nacional, defendia que a educação escolar deveria voltar-se para a formação integral da criança.

A importância da educação, nos dias de hoje, não é apenas uma consequência da complexidade da vida moderna, porém, talvez ainda mais, da inclusão no seu campo de todas as questões da vida humana, que anteriormente possuíam técnicas ou setores diversos de ação (Teixeira, 1997, p. 67).

Mesmo na antiguidade, Se voltarmos nosso olhar para a Paidéia grega, constatamos uma concepção de formação humana mais completa, na qual já continha a base do pensamento, que mais tarde, se denominaria educação integral – formação do corpo e do espírito.

Em Belo Horizonte o Programa Escola Integrada é um projeto coordenado pela Secretaria Municipal de Educação e realizado em parceria com Instituições de Ensino Superior, com o principal objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade da educação na rede municipal. O PEI é desenvolvido por meio de oficinas de diversos temas, universitários/bolsistas trabalham junto às crianças e adolescentes da rede municipal de ensino de Belo Horizonte para construir conhecimento e promover uma formação integral dos discentes.

As diversas oficinas nas áreas de Artes Visuais, Ciências, Educação Física, Dança, Linguagem, Música, Pedagogia e Teatro são desenvolvidas e conduzidas por alunos de graduação (bolsistas) de universidades parceiras e pelos monitores culturais da comunidade. As oficinas acontecem nos espaços das escolas, das comunidades, além de outros espaços físicos e culturais da cidade.

6 - CONCLUSÃO

A questão central que motivou este plano de ação foi a pedagogia das diferenças que são enfrentadas dentro da escola freqüentemente. Implantar mudanças de hábitos em um grupo já constituído não é fácil. Ao iniciar este trabalho a proposta era dialogar com os profissionais da escola sobre as práticas educacionais que estavam sendo realizadas dentro da escola. Na ocasião dizia da minha alegria de conversar com os profissionais daquela escola, os gestores, os professores, os monitores, os bolsistas e outros, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, fazendo uma parceria e nos unindo em busca da melhoria da qualidade do trabalho.

Segundo Pimenta,

Uma forma interessante de enxergar o futuro é fazer uma reflexão e olhar para o passado. Ver, pensar e repensar as ações realizadas em determinada época e o contexto, que então, estava inserida, nos permite vislumbrar a construção de um futuro promissor. (PIMENTA.2014, p. 8)

Começamos socializando as melhores práticas e ações realizadas pelos dois grupos distintos (professores e monitores), com isso, refletimos sobre os desafios presentes no cotidiano escolar, aproveitando este espaço para troca de experiências. Desejava com esta ação dar visibilidade ao que se faz e como se faz em cada frente de trabalho da escola, tanto dos professores como dos monitores, construindo uma rede importante de credibilidade entre eles, levando-os entender que a escola é um espaço de formação, de convivência e de socialização cidadã. Para isto criamos diferentes formações, buscando atender as necessidades específicas de cada grupo de acordo com a disponibilidade de horários. Foram feitas rodas de conversas, seminários temáticos, trocas de experiências entre os pares.

Criar um plano de ação que visa trabalhar com profissionais que acreditam ser educadores, nos levar a pensar o que é ser um educador? Entendemos que entre as habilidades que esses profissionais devem desenvolver está a capacidade de estabelecer vínculos estreitos, capazes de interferir nos caminhos e nos rumos de vidas traçados por outros seres humanos.

Trabalhar com professores que tem uma identidade construída inserida num campo profissional delimitado, com uma trajetória consolidada e com um acúmulo de experiências, não foi fácil. Do outro lado, estavam os monitores, lutando pela

construção de sua identidade, defendendo o que são e o que acreditam que podem ser o que fazem e o que podem fazer.

Na incumbência de criar um plano de ação que pudesse estabelecer espaços de diálogos e interlocução entre estes grupos, sendo a escola, por natureza um ambiente educativo em que trabalhar e formar são atividades integradas de um cotidiano formador, decidimos investir em diversas formações, que foram realizadas dentro e fora da escola, buscando sempre que possível, unir os grupos nas mesmas formações e incentivando-os a realizar planejamentos conjuntos. Através dessas estratégias, a interação entre os profissionais da escola iam-se estreitando, as experiências eram compartilhadas cada vez mais. Percebia-se que os monitores já se sentiam mais a vontade no meio dos professores e vice versa. Observei que os conflitos produziram reflexões, promovendo crescimento e mudanças de atitudes as quais possibilitou transformações pessoais, sociais para os atores envolvidos no plano de ação nos quais eu me incluo.

Durante a implantação do plano de ação, surgiram muitas dificuldades inesperadas. Os profissionais da educação entraram em greve, atrasando o desenvolvimento das ações. Outro dificultador foram as eleições, tanto as eleições presidenciais como a escolha da direção da escola, onde qualquer ação realizada era vista como eleitoreira. Além disso, as férias em junho devido o evento da Copa do Mundo também dificultaram o desenvolvimento do trabalho.

Melhorar as relações interpessoais dos profissionais da EMFF, não foi tarefa fácil. Era preciso momentos de reuniões com os grupos de professores e monitores. Foi utilizado recursos do PAP para garantir as formações dos professores, porém, os monitores não tinham horário de trabalho flexível, foi necessário negociar encontros fora do horário de trabalho, com compensação de horas ao longo do ano.

Mesmo com tantas dificuldades o plano de ação foi implantado na escola. Uma ação implantada pela coordenadora, após a reflexão nas reuniões, foi o espaço de planejamento na sala dos professores, no qual os monitores podem dialogar e trocar experiências com os professores no cotidiano e não somente em momentos de formação.

Outro ganho para a escola foi que os profissionais perceberam que 60% dos estudantes da EMFF passam 9 horas na escola e que todos precisam seguir uma

linha de trabalho, pois, não existem duas escolas e sim alunos que transitam em espaços diferentes com a mesma finalidade.

Avaliei de forma positiva as ações realizadas. Sei que ainda há muito trabalho a ser feito e um longo caminho a percorrer até alcançar a totalidade deste plano de ação, porém, as mudanças não ocorrem de um dia para outro, mas é necessário dar o primeiro passo. Um bom entrosamento entre todos os profissionais que convivem no ambiente escolar é fundamental para estabelecer vínculos duradouros de confiança, de equilíbrio e de respeito humano.

Por fim, quero explicitar as experiências que a realização deste trabalho proporcionou-me. Com o envolvimento das práticas e o aprofundamento com os grupos tornamo-nos uma equipe. Aprendemos que o trabalho de um complementa o trabalho do outro, e que devemos respeitar as habilidades uns dos outros. O conhecimento que obtive nesta primeira etapa do trabalho não foi simplesmente de formação e informação, mas, sobretudo, de perceber a importância da continuação do desenvolvimento desse trabalho. Despertou-me um compromisso de continuar com estas ações, já que, essa experiência fortaleceu em mim o desejo de desenvolver novos projetos.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL.Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. B823 Relações interpessoais:

PEDROZA Regina Lucia Sucupir /abordagem psicológica – 4.ed. atualizada e revisada– Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso/Rede e-Tec Brasil, 2012. 88p.: il.(Curso técnico de formação para os funcionários da educação. Profuncionário; 4) ISBN 85-8629054-8 1. Psicologia. 2. Escola. 3. Educação. I Pedroza, Regina Lucia Sucupira. II Título. III. Série. 2012 CDU 37:159.9 http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_cad5.pdf em 06/03/2015

BELO HORIZONTE. Escola Integrada. Disponível em <http://www.portal.pbh.gov.br> Acesso em 05/03/2015.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Escola plural: proposta político-pedagógica da Rede Municipal de Educação de BH. Belo Horizonte: PBH, 1994.

PIMENTA. Aluisio: In. RELATÓRIO DE GESTÃO 2011 – 2014; Fundação Renato Azeredo, p.8, 2014

TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ. 1997 (Original publicado em 1936)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1992). O que é educação. 27ª edição - São Paulo: Ed.Brasiliense

ELIAS, Norbert . *SCOTSON L. John*, (2000). Tradução do Posfácio à edição alemã: SÜSSEKIND. Pedro. Os estabelecidos e os outsiders.- Rio de Janeiro – Ed. Zahar

BRASIL.Ministerio de Educação. Secretária de Educação Básica. Conselho Escolar, Gestão Democrática Da Educação E Escolha Do Diretor – p.33/34) – Brasilia - 2004 http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_cad5.pdf em 27/04/2015

8- APÊNDICES

ESCOLA MUNICIPAL FLORESTAN FERNANDES



Formação dos professores sem a participação dos monitores



Formação de professores e dos monitores



Mostra cultural realizada com a participação de todos os profissionais da escola – Dezembro de 2014



Envolvimento da comunidade na mostra cultural



Grupo de professores, coordenadores, diretor, alunos e monitores que desenvolveram a feira cultural



Grupo de profissionais da escola em um dia de formação



ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS PROFESSORES DA ESCOLA REGULAR

- 1) Qual sua formação acadêmica?
- 2) Quanto tempo você trabalha nesta escola?
- 3) O que você conhece do PEI?
- 4) O que você acha deste programa aqui na escola?
- 5) Qual seu relacionamento com os profissionais que trabalham com o PEI?
- 6) Você acha importante uma maior aproximação dos professores da escola regular com os monitores do PEI?
- 7) Já participou de alguma formação com/ou sobre o PEI?

ROTEIRO DE ENTREVISTA DOS MONITORES DO PEI

- 1) Qual é a sua formação ou habilidade?
- 2) É morador da comunidade?
- 3) Há quanto tempo trabalha na escola?
- 4) Não sendo você um professor, como é a sua relação com os demais profissionais da escola?
- 5) Trabalhar com PEI te incentiva a dar continuidade aos estudos?
- 6) O que te motiva a trabalhar no PEI?
- 7) Você acredita que com a implantação do PEI , houve uma melhoria no ensino?
- 8) Participa de cursos de formação? Com qual frequência?